

1.º CONGRESSO DE HISTÓRIA E PATRIMÓNIO DA ALTA ESTREMADURA: Outubro de 2011 (CEPAE e CMOurém)

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO de Cristina Nobre:

A Casa-Museu Afonso Lopes Vieira [CMALV] em S. Pedro de Moel como núcleo de um património cultural

Casa Catrineta,
desprende-te enfim do chão,
entra-me pelo mar
e lá ao largo vai naufragar
para ir ao fundo com o meu coração!

Oh! não poder arrancar-te do chão!
E, gageiro, embarcar
em ti, meter-te ao mar
para ir naufragar,
para ir ao fundo com o meu coração!...

Afonso Lopes Vieira *Onde a terra se acaba e o mar começa* 1940: 86

Que saberes movimentar e metodologias processar para que o património cultural, imaterial e material, ganhe sentidos e o público em geral possa ter acesso aos tesouros de que é herdeiro, preservando e recriando a memória cultural?

Considerando que a Casa-Museu Afonso Lopes Vieira [CMALV], em S. Pedro de Moel está a passar de uma fase inicial de abertura (Junho de 2005), para uma fase subsequente de musealização, com a inventariação do seu acervo museológico, para vir a encontrar-se como bem cultural auto-sustentado, e que o processo é moroso e delicado, importa definir com rigor o que tem sido feito até hoje, com as condições existentes. Assim, um primeiro estudo passou pela Casa como objecto catalogável: identificação dos vários estratos em que foi submetida a sucessivos *melhoramentos, arranjos e acrescentos*. A Casa não é apenas um edifício: ela é também o objeto mais rico da CMALV e constitui, em si mesma, uma coleção arquitectónica a estudar. Este estudo já foi, em grande parte, realizado pelos investigadores, tendo resultado uma inventariação e informação sobre os revestimentos de azulejo, que se encontra disponível sob a forma de Roteiro museológico *Onde a terra se acaba e o mar começa. Casa-Museu Afonso Lopes Vieira. Lugar Literário*, desde Setembro de 2010.



Como herdeiros deste património devemos contribuir para um inventário rigoroso, e de acordo com normas do Instituto dos Museus e Conservação [IMC], de todos os bens constituintes da CMALV, com instrumentos de trabalho padronizados capazes de satisfazer as exigências da partilha das informações à escala global. A criação das fichas de registo e identificação matrizes, denominadas Matriz, destinadas ao registo e informatização para bases de dados, dos bens das instituições culturais, veio permitir aliar a investigação na área aos conhecimentos técnicos de ponta. Assim, e enquanto não existirem os meios financeiros e materiais que permitam uma musealização completa da CMALV, o projecto do CIID/IPL, denominado *Criação de um Lugar Literário* [CLL], tomou como objecto de análise a Pintura, o Desenho, os Têxteis, o Mobiliário, os Instrumentos Musicais, as Gravuras, o Espólio Documental, a Fotografia, a Escultura, a Cerâmica, os Instrumentos Científicos, a Medalhística, os Metais, os Equipamentos e Utensílios, o Espólio de Malacologia, os Vidros, em suma, as peças das Artes Plásticas e Artes Decorativas e procedeu à sua inventariação o mais completa possível. Resultou num trabalho conjunto e profícuo dos investigadores com os técnicos superiores da Câmara da Marinha Grande, aliando as valias científicas do ensino superior com as estratégias culturais e patrimoniais das câmaras municipais.

A colaboração entre a Câmara Municipal da Marinha Grande [CMM^{MG}] e a instituição de ensino superior, neste caso o Instituto Politécnico de Leiria, resultou perfeitamente, pois ao pedido de serviços específicos, o IPL respondeu abertamente e com o interesse habitual na sua direcção, nitidamente interessada em manter, fomentar e alargar toda a colaboração e formação possível à comunidade envolvente.

Em 2008, ainda com Luciano de Almeida como presidente do IPL, foi notório o seu empenho em viabilizar o projecto, facilitando a tarefa, assim como deixou explícita a vontade de tornar o IPL membro colaborante-activo deste objetivo que consiste em transformar esta casa num lugar vivo, ideia que fiz minha com a locução, hoje nossa, de LUGAR LITERÁRIO. Agora, que tanto se fala de PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL, o sonho foi perceber como a literatura / a poesia e a IMATERIALIDADE com ela relacionada contribuiu para transformar esta Casa em algo mais do que um abrigo, numa MATERIALIDADE quase bibliográfica, em que Afonso Lopes Vieira foi registando - nas paredes do exterior e daí o azulejo e as cantarias como primeiras categorias a ser estudadas – as transformações que a sua vida e a sua obra lhe foram sugerindo.

Daí que um primeiro estudo tenha passado pela Casa como objecto catalogável: identificação dos vários estratos em que foi submetida a sucessivos *melhoramentos*, *arranjos* e *acrescentos*. Através do Roteiro museológico *Onde a terra se acaba e o mar começa. Casa-Museu Afonso Lopes Vieira. Lugar Literário*, de Setembro de 2010, percebemos que a Casa não é apenas um edifício; ela é o objeto mais rico da CMALV e constitui, em si mesma, uma coleção arquitetónica a estudar.

Como herdeiros deste património devemos contribuir para um inventário rigoroso, e de acordo com normas do IMC, de todos os bens constituintes da CMALV, com

instrumentos de trabalho padronizados capazes de satisfazer as exigências da partilha das informações à escala global. A criação das fichas matrizes, denominadas Matriz, destinadas ao registo e informatização para bases de dados, dos bens das instituições culturais, veio permitir aliar a investigação na área aos conhecimentos técnicos de ponta.

Assim, o projecto CLL, de continuação deste primeiro estudo científico sobre o inventário museológico, do qual resultou o Roteiro referido, tomou como objecto de análise e investigação as várias categorias identificadas pelas Normas Museológicas do IMC: a Pintura, o Desenho, os Têxteis, o Mobiliário, os Instrumentos Musicais, as Gravuras, o Espólio Documental, a Fotografia, a Cerâmica, os Instrumentos Científicos, a Medalhística, os Metais, os Equipamentos e Utensílios, o Espólio de Malacologia, os Vidros e pretende proceder à sua inventariação o mais completa possível, tendo o apoio da bolsreira Teresa Azevedo, com formação específica na área da História da Arte e Museus. Resulta num trabalho conjunto e profícuo dos investigadores com os técnicos superiores da CMM^aG, aliando as valias científicas do ensino superior com as estratégias culturais e patrimoniais das câmaras municipais. Quer o doutor Nuno Mangas, quer o doutor Eugénio Lucas, respectivamente, o presidente do IPL e o coordenador do INDEA, bem como o coordenador do CIID, o doutor José Laranjo Marques, têm manifestado claramente o seu empenho na realização do projecto, que tornará a CMALV, seguramente, um lugar mais legível, um lugar do património cultural a usufruir e constituir como memória da identidade.

Centrar-me-ei na apresentação de alguns dados resultantes da investigação que conduziu ao *Roteiro*, e é já o primeiro traço desta memória cultural que estamos a recriar. A leitura atenta dele dir-nos-á tudo o que é fundamental, e o simples folhear mostra-nos toda a inventariação feita dos azulejos e cantarias e perceberemos imediatamente que a informação nos painéis *in loco* (encontram-se na CMALV, no exterior, e demonstraram capacidade para aguentar uma boa parte do inverno de 2010, que era uma das capacidades materiais que lhes era exigido...) é repetida daí. Estas observações são apenas uma introdução ao olhar estético, o que verdadeiramente vale a pena e é constitutivo de qualquer património cultural.

Olhando para o carimbo utilizado como logótipo da CMALV, criado pelo proprietário da casa-nau, orgulhoso da sua existência e querendo dar ênfase à criação do tal *lugar literário*, pois ele acreditava que era possível fazer aqui uma “metamorfose do *ninho de artistas*” – o projecto do Poeta era transformar esta casa num local especial, onde os artistas que recebeu (e foram muitos...) se sentissem bem. Procurei, então, as camadas, os vários estratos dessa transformação.

Considerem-se dois textos inaugurais do Poeta, um nos seus apontamentos manuscritos, praticamente ainda hoje inéditos, e o outro, um poema do primeiro livro de poesia, de 1897, o *Para Quê?*:

Tudo q. é feio me adoece,
tudo q. é belo faz-me bem a mim.
Eu sou assim. Sim, mas parece,
q. é escandaloso ser-se assim!

Afonso Lopes Vieira *Notas Diversas apud Nobre 2005 II*: 370

[...] S. Pedro ao sol luzindo em suas casas caiadas,
Casas velhinhas todas com alpenduradas;
A capela no alto, com vidros de cores
E dentro ao fundo, olhando, a Senhora das Dores;
O Zé Lameiro, à tarde, olhando para o mar,
Emalhando uma rede p'ra lá ir pescar;
Raparigas queimadas do ar do mar, passando
Na estrada que lembrava uma cobra ondulando;
A nossa casa com craveiros nas janelas
E que friidas e velhinhas eram elas!
E tinha ao sol uma brancura de papel,
Que linda casa para uma lua de mel! [...]

Afonso Lopes Vieira *Para Quê?* 1897: 15-6

O Poeta parecia adivinhar que a casa lhe seria dada em 1902, aquando do seu casamento com Helena de Aboim, e que seria o local indicado para a escrita poética de alguém que precisava do belo à sua volta, cercando-o, que ambicionava um lar para existir esteticamente e de um local para a criação artística ser consagrada e celebrada.

A curiosidade sobre a casa foi sempre algo que perseguiu o poeta, a tal ponto que ainda em 1942, quando saiu o 2º livro de ensaios *Nova demanda do Graal*, explicava a relação da casa com a sua família:

E, como ainda há pessoas que supõem que a minha casa de S. Pedro de Moel foi construída por mim, recordo que ela está há um século na posse da minha família, posse que se alienou apenas durante alguns anos.

Afonso Lopes Vieira *Nova demanda do Graal* 1942: 242

Quase um século depois, a casa passa, por testamento do Poeta, e Doação efectivada em 1947 pela sua mulher, Helena de Aboim, para a CMM^aG. A linha mestra da recuperação da Casa como espaço museológico acontece quase meio século depois, em Julho de 2005, com a devolução, rigorosa e fiel, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que o seu proprietário, Afonso Lopes Vieira (1878-1946), habitava a casa e dispunha a orientação, a dinâmica e o enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura. Enquanto estudiosa e académica, investiguei durante o tempo dedicado ao doutoramento a obra literária de Afonso Lopes Vieira e partilhei o conhecimento desta figura literária com o grande público, divulgando-o através da *Fotobiografia*, de 2007.

Através dos registos fotográficos presentes na *Fotobiografia*, podemos perceber como o percurso biográfico e a produção literária, bem como a acção cultural de Afonso Lopes Vieira, encontraram na Casa de S. Pedro o elemento material ideal para incorporar a visão estética e ética do escritor. A Casa será a projecção de um edifício enquanto obra potencial, provavelmente até o espécime bibliográfico mais rico, compósito e complexo, feito de estratos diferentes e de camadas sobrepostas. Assim,

é possível assinalar a diferença nítida entre o quarto de estudante de Lopes Vieira, em Coimbra e a janela da varanda da Casa de S. Pedro, a casa-nau, para percebermos que foi desse lugar que grande parte do seu olhar estético se realizou – falamos da escrita de poemas mas também das fotografias de paisagens, sobretudo a marítima, que mais o enlevou.



A primeiríssima fotografia a documentar a metamorfose da casa tal como a conhecemos ainda hoje, e que criou o olhar marítimo através da projecção da varanda – é fundacional deste local refeito pela mão humana do seu proprietário como património cultural. Chamo a atenção para a construção do paredão e para a inexistência de um elemento arquitectónico hoje fundamental, a Capela de N.^a Sr.^a de Fátima. Como um corpo, a casa-nau começava a ganhar as formas estruturais de que hoje podemos usufruir como memória de um tempo, uma identidade literária. A corporização foi sendo inscrita através de vários níveis.



Num primeiro nível, com as primeiras obras e arranjos da casa-nau, a metamorfose que se processa em 1909, a que ele mesmo chamou *febre de renovação* (e foram as cartas para o amigo Artur Lobo de Campos que nos permitiram concluir isso, uma vez que os materiais, mesmo quando têm siglas de assinatura, raramente possibilitam saber o ano de produção) e consiste numa série de azulejos com fins decorativos (cf. peças do acervo museológico - CMALV014-015-016), claramente em relação com a sua obra literária de então. No verão desse ano uma febre de renovação levou à colocação das ombreiras nas duas janelas exteriores da fachada poente (Nobre 2001: 21-23), do painel 'Camões de coroa de espinhos' (CMALV011), no mesmo alçado (Nobre 1999: 300). Encontrei num livro desta casa, uma ed. de 1900 de *Os Lusíadas*, a certeza, autografada pelo Poeta de que a inauguração do painel tinha sido em Julho de 1909. Aí, o poeta registou:

Camões

Em Julho de 1909 inaugurei em / S. Pedro o painel do **Camões de coroa / de espinhos**
– a coroa q. os portugueses / lhe puseram, a coroa dos poetas portu- / gueses. O único
Camões verdadeiro de / Portugal – é o meu!

Affonso

Julgo também que o azulejo que festeja a representação do auto de *Mofina Mendes* (CMALV025) se deve situar nesta data, em função das suas preocupações com o ressurgimento do teatro de Gil Vicente, um desconhecido até aí.

Por aproximação com a mesma fábrica de azulejos, a Arcolena, de Coimbra, muito provavelmente também é desta data o registo de N.^a Sr.^a do Monte (CMALV030), na parede sul interior do quarto de dormir. Lopes Vieira registava a sua devoção pelo escritor máximo da língua portuguesa, transformando-o em padroeiro da casa, bem como a devoção quase supersticiosa à Santa que lhe tinha servido de madrinha de baptismo, no distante ano de 1878, e que o acompanhou sempre ao longo da vida, até o guardar no jazigo do cemitério dos Prazeres, em Lisboa, onde estão os restos mortais do escritor (Nobre 2003: 93-95).



As cercaduras da janela estão em estreita ligação com a obra produzida na época, misturando os motivos das rosas com as espigas de trigo, numa clara alusão ao livro *O Pão e as Rosas* (1908) e em tudo inspiradas nos frontispícios das suas obras da

mesma época, como as *Rosas Bravas* (1911). Esta etapa deve ler-se como o estrato primeiro da transformação da Casa num *lugar literário*, através dos azulejos como revestimento de decoração. Na sua estadia em S. Pedro de Moel, Lopes Vieira socorreu-se dos préstimos do seu amigo Artur Lobo de Campos (1884-1949), a viver em Lisboa. Estava interessado em transformar a casa num *ninho de artistas*, concebendo uma cercadura para as janelas do exterior, com pinturas de *cache-pôts* (14 de Agosto de 1909):

Querido Amigo:

Má raios partam ao Tiago e a todas as suas malas-artes! Eis a nossa indústria. Q. Miséria! Agradecido por toda a sua amabilidade excelente. Muito estimo q. V. gostasse das loiças do amigo Dias, e q. se entusiasme por essas coisas do Home, sweet home. Quando V. arranjar o seu ninho de artista, essa casa lhe poderá fornecer coisas interessantes. Não lhe mando a tal medida por ser inteiramente inútil e difícil de tirar. Diga-lhe q. o arco da janela é de volta perfeita, e com isto e com as dimensões que foram no papelinho q. lhe dei a V., pode fazer a grande obra. De resto, se houver alguma piquena diferença, cá se emendará na alvenaria. Mas não pode haver, como V. compreende bem. A pintura é q. é importante. – Viu os tais cache-pots? E quero isso bem vidrado, sem parecer baço à luz do irmão Sol.

Conto consigo por estes 8 a 15 dias, porq. se vamos a esperar as delongas de todos os Tiagos com q. estou metido – ai de nós!...

Nossos cumprimentos em sua casa.

Seu ex corde

Afonso LV

Postal de 14 de Agosto de 1909 *apud* Nobre 2001: 21-2

Depois (23 de Agosto de 1909) evolui para um desenho com rosas e espigas de trigo:

Meu caro Artur:

[...] Quanto às ombreiras, decido o seguinte, q. é o melhor: Em vez do desenho dos *cache-pôts*, far-se-á um desenho de *rosas e espigas de trigo*, como o Zé Dias já fez para uma cercadura para um nicho, q. lhe encomendei.

Se pudessem fazer as rosas superiores como desenho, era ótimo.

As rosas em azul, as espigas em amarelo. Fica isto pois assente, não levando as ombreiras filete nem nada dos *cache-pôts*, mas, como lhe digo, as rosas e as espigas, mas só isto, além, é claro, do traço azul à volta da ombreira. [...]

Carta de 23 de Agosto de 1909 *apud* Nobre 2001: 23

Percebe-se uma clara alusão ao seu livro de poesia de 1908 *O Pão e as Rosas* e à fase franciscanista da sua obra, assim como as obras para a infância da mesma data, que apresentam no frontispício uma cercadura de rosas e espigas de trigo semelhante às destes azulejos. Aliás, tanto esse livro como *Rosas Bravas*, de 1911, em edição de autor, se relacionam seguramente com esta camada do lugar literário que é a casa-nau.



Em 1916 encontra-se documentado o segundo estrato. O poeta acrescentou o painel de azulejos da 'Nau Catrineta' (CMALV001-018), no exterior, na fachada poente, por baixo da varanda, e as sobrepostas com as esferas armilares e a Cruz de Cristo (CMALV026-029) nas duas portas interiores da varanda, ao *estilo sebastianista* (Nobre 1999: 300-301). Aquilino Ribeiro estabeleceu a ligação com os emblemas marítimos da esfera armilar e da cruz de Cristo, do Convento de Tomar (Ribeiro, 1949: 292) e é bem provável que o Palácio de Sintra, onde existem os únicos exemplares em azulejo da esfera armilar (Pereira, 1991: 20), tenha servido de modelo ao escritor. Em carta para a amiga Leonor de Castro Guedes Rosa, dá-lhe conta das grandes novidades decorativas da casa, como se se tratasse de emblemas estéticos para atravessar os tempos:

[...] aqui anda tudo revolvido com as obras de reparação da nau [...] A casa teve de presente este ano um painel de azulejos — a Nau Catrineta, com dois versos de romance — e duas sobrepostas também de azulejo, que enriquecem a varanda, reforçando-lhe o estilo sebastianista. [...]

[...] P. S. Os versos do azulejo da Nau Catrineta são com efeito estes — A minha alma é só de Deus — e o corpo da água do mar. Está numa parede voltada para o mar e fica bem assim. As sobrepostas da varanda tem ao centro a Cruz de Cristo e aos lados as esferas. Ficou engraçado e dá uma bonita nota de cor. [...]

Excertos de Carta a Leonor Rosa, 16 de Junho de 1916, BMLALV, A118, nº. 33601
apud Nobre 1999: 300-1

Também estas remodelações se ligam intimamente à sua obra poética, sobretudo a *Ilhas de Bruma* (1917) e à temática marítima aí glosada, em que o motivo da *nau catrineta* aparece já, mas que irá continuar a ser glosado nas obras posteriores como *País lilás, desterro azul* (1922) e *Onde a terra se acaba e o mar começa* (1940):

POEMA DE ABERTURA

Numa casa que está rezando ao Mar,
e tem Camões coroado
não de loiro celebrado
mas de espinhos a sangrar,
aí vivi, sonhei eu,
ao som do mar, que tangia:
os sonhos, ele m'os deu,
ditava, e eu escrevia.

Com saudades no peito me estremece
um roussinol... Canto em mim.
Meu coração gorgeia e ei-lo esmorece,
roussinol de Bernardim.

Foi por amor de ti, terra formosa,
por te amar com tão fundo sentimento,
que fui pregador e em prosa
fiz meus sermões de Admiração ao vento.

Oh Portugal, florida alpendurada
sobre o mar, coisa saudosa...
Esta é a Pátria ditosa
minha amada, minha amada!
Mas as saudades, sob a Lua gris,
evolam-se na bruma de violeta,
entre os pinheiros de el-rei Dom Denis
e ondas da “Nau Catrineta”.

E fico só com elas, neste vário
momento em que a dor se esfuma.
Sou o senhor donatário
das minhas Ilhas de Bruma.

Revivei na minha alma, oh velhos temas,
penumbras da claridade.
E misterioso cante nestes poemas
meu amor português — beijo e saudade...

Afonso Lopes Vieira *Ilhas de Bruma* 1917: 5-7

A partir de 1922, com o livro de ensaios *Em demanda do Graal*, a cruz de Cristo aparecerá como capa dos seus livros, numa harmonia evidente entre as suas escolhas gráficas e as opções de decoração arquitetónica. É aceitável que este estrato se estenda até 1918-1922, com a colocação dos vários azulejos com o *ex-libris* de Lopes Vieira (CMALV 003-005-006-017), como selos colados estrategicamente nos limites exteriores da Casa (do muro Norte ao portão de entrada Sul, passando pelos dois portões de entrada do alçado nascente e centralizando-se na principal fachada poente), embora não se conheça a data efectiva da sua fabricação. As cerâmicas de revestimento têm a assinatura de Maria Leonor, artesã-criadora de Alcobaça, filha de Joaquim Natividade, próximo das relações de amizade com o Poeta, bem como a marca da olaria Arcolena (OAL). As preocupações com o mar como lugar da identidade portuguesa, e da sua idiossincrasia enquanto homem de letras, estão nitidamente documentadas.



O terceiro estrato é de 1925-27, com a colocação das pedras com a inscrição das obras *Amadis* e *Diana* e a comemoração da visita de José Maria Rodrigues à Casa para participar no *labor camoniano* da edição nacional de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, de 1928. A Casa continuava, como uma *nau no estaleiro*, sempre sujeita a novos arranjos (Nobre, 2005b: 195-6), fixando da forma mais definitiva possível – através da inscrição na pedra – a memória sobre a obra produzida.

Leiam-se as palavras de Lopes Vieira para a sua amiga Leonor de Castro Guedes Rosa, sempre desejosa de conhecer as novidades literárias e decorativas que o Poeta tinha concretizado, e o seu grande amigo e colaborante operacional, Artur Lobo de Campos, ajudando com a confecção das peças e os artesãos para a operacionalização e colocação das cantarias. O Poeta decide, através da pedra incrustada na casa-nau, registar os títulos das suas obras que mais gosto lhe dão no momento, e que ele considera serem merecedoras de um lugar canónico na literatura portuguesa pelo seu papel na identidade de um povo: o caso de *Amadis* de 1922, e de *Diana* de Jorge de Montemor de 1924 (CMALV027), bem como da edição nacional de *Os Lusíadas* (CMALV028), que havia de reuni-lo com o mestre José Maria Rodrigues, fotografado com o Poeta lá fora, imediatamente por baixo do azulejo *Camões corado de espinhos*, numa fotografia transformada em documento memorável:

Bilhete novo

A Soror F. da Sé, querida e boa Amiga e Senhora:

Hoje inaugurei uma lápide, feita em Alcobaça por um canteiro do Mosteiro, a qual diz, em elzevires gravados na pedra:

AMADIS DIANA 1922 * 1924

A cerimónia foi brilhante: o Mar, a H. e eu. E esta memória ficou a lembrar-me, na parede da varanda onde eles foram escritos, o q. um filósofo pensou: q. a Vida tem duas maneiras de nos quebrar: — ou rea- / lizando os nossos sonhos, ou negando-se a realizá-los. — Beijo as mãos de Soror F. pela sua excelente carta, q., como sempre,

gostei tanto de ouvir. Hoje, o primeiro dia de Verão. Mt.º ocupado com arranjos e apuros na caravela, q. está no estaleiro.

As melhores lembranças nossas, as mais gratas, fiéis e amigas.

Frei Affonso das Ondas

Postal de ALV, dirigido a Leonor de Castro Guedes Rosa, datado de 14 de Julho de 1925, BMLALV, A57, n.º 33141 *apud* Nobre 2008 II: 337

Querido Amigo [Artur Lobo de Campos]

[...] Dr. José Maria virá aqui no fim do mês para revermos o Poema. Porei aqui uma lápide comemorativa da Edição. [...]

Postal de 18 de Julho de 1927 *apud* Nobre 2001: 60



O quinto estrato é de 1929, e com ele ergue-se de raiz um novo edifício adjacente à Casa: a Capela dedicada a N.ª Sr.ª de Fátima. Este estrato é tão mais interessante quanto representa uma simbiose de motivos marítimos com motivos religiosos, mas todos interpretados como emblemas de uma ideia de nacionalidade em construção. Se os três pastorinhos e a N.ª Sr.ª de Fátima correspondem a uma etapa de afirmação de religiosidade, depois aproveitado pela ideologia do estado Novo, essa simbologia religiosa foi aqui usada ao mesmo nível que as conchas ou a sobreposta da porta de entrada com a cruz de Cristo. Motivos de um *ethos* português naquilo que tinha de mais genuíno.

Mas esta camada marca igualmente a viragem de Lopes Vieira para as artes cinematográficas, com a filmagem da inauguração, a mostrar o seu amor pelos populares, bem como a sua natural/artística inclinação para o olhar estético. Os filmes (em 8mm) descobertos e generosamente partilhados pelo mestre Joaquim Correia, encontram-se actualmente à guarda do MIMO e espero que venha a ser possível fazer deles uma cópia digital que possa enriquecer esta casa-museu e documentar este património cultural material. Nesta camada encontramos os azulejos de N.ª Sr.ª de Fátima e dos pastorinhos, a cercadura da porta de entrada e a da porta interior, da sacristia (CMALV023-022-46). É provável que o azulejo com St.º António seja posterior, e se relacione com a obra de 1932, em que Lopes Vieira refaz a viagem desse homem-santo português por Itália, com a sua *Jornada de Santo António* (CMALV024).



O sexto estrato é de 1935, com a colocação da pedra com a inscrição camoniana *Onde a terra se acaba e o mar começa* (CMALV013). Lopes Vieira antecipava com esta pedra o título da sua última obra de poesia, materializando na Casa o embrião da sua criatividade, como deixará registado orgulhosamente em carta ao amigo Artur Lobo de Campos. Quer nas missivas aos amigos, quer nos textos poéticos, esta casa foi sendo escrita como o *lugar literário*:

[...] P.S. A casa tem agora um verso de Camões incrustado frente ao Mar. Verás como tudo está melhorado.
Adoro isto. § A.

Postal de Lopes Vieira a Artur Lobo de Campos, de 8 de Setembro de 1935 *in* Nobre 2001: 76

CANÇÃO DE ABERTURA

Onde a terra se acaba e o mar começa
é Portugal;
simples pretexto para o litoral,
verde nau que ao mar largo se arremessa.

Onde a terra se acaba e o mar começa
a Estremadura está,
com o Verde pino que em glória floresta,
mosteiros, castelos, tanta pátria ali há!

Onde a terra se acaba e o mar começa
há uma casa onde amei, sonhei, sofri;
encheu-se-me de brancas a cabeça
e, debruçado para o mar, envelheci...

Onde a terra se acaba e o mar começa
é a bruma, a ilha que o Desejo tem;
e ouço nos búzios, té que o som esmoreça,
novas da minha pátria — além, além!...

Afonso Lopes Vieira *Onde a terra se acaba e o mar começa* 1940: 11

Provavelmente o azulejo de D. Dinis (CMALV010), embora datado de 1931, poderá ter sido incrustado na casa neste período, que consolida a casa como um livro, o *lugar literário*.

A presença dos espécimes de Pintura e Desenho, os Têxteis, o Mobiliário, os Instrumentos Musicais, as Gravuras, o Espólio Documental, a Fotografia, a Cerâmica, os Instrumentos Científicos, a Medalhística, os Metais, os Equipamentos e Utensílios, o Espólio de Malacologia, os Vidros que habitam a Casa de S. Pedro fazem parte de um todo ocluso pela intimidade de Afonso Lopes Vieira, que procurava a calma da

natureza marítima e do refúgio, semelhante a um búzio, para se isolar da cidade e poder dedicar-se ao que verdadeiramente lhe importava: a arte nas suas multifacetadas arestas.

Leia-se o excerto escrito para o *Jornal de um Poeta*, em 1905, embora unicamente publicado em 20 de Agosto de 1909 no jornal *A Lucta*, de Lisboa, e perceber-se-á com mais clareza a importância deste local na estesia do escritor, dando uma consistência enorme ao conceito de *lugar literário*:

S. Pedro de Muel, 1905

Chego de Lisboa à praia e à floresta. Que expansão de encanto na minha alma! Logo que estou aqui, o meu verdadeiro ser apossa-se de mim, e tenho a satisfação singular de me começar a sentir, com meus defeitos e virtudes.

Isto está delicioso de solidão e silencio. Não ha ainda a vulgaridade. Com que prazer vesti o meu velho fato e as polainas de couro roçadas do mato! Nós, nas cidades, afogâmos as almas tambem com os nossos colarinhos. Ao genio grego conviria outra vestia que não fosse aquela, ampla e sobria, desembaraçando o ritmo do corpo?

Hontem, à chegada, a propria luz teve para mim encantos de coisa inedita. A primeira surpresa, à sahida das cidades, é o crepusculo. Ha muitos mezes que eu não via anoitecer, e não via estrelas cuja intimidade é discreta e faz scismar. Acabei de arrumar os livros na estante, e notei ainda uma vez como elles adquirem uma personalidade muito mais intensa quando são poucos e estão connosco na *solidão acompanhada*. Assim, na gravura do grande Durer, os quatro livros fechados que S. Jerónimo tem na sua serena cela, onde o leão dormita, nos sugerem mais pensamentos que se o santo trabalhasse n'uma livraria. Ordenei a minha mesa, dependurei as gravuras na parede, e tenho como sempre uma grande pressa de sentir a casa povoada por esse vivo e harmonioso desarrumado, que deve ser a sua calma fisionomia.

Só o mar, por emquanto, me inquieta, porque o oiço sempre... E a sua musica perturba-me como se eu habitasse dentro de um buzio.

apud Nobre 2005 II: 386

Lopes Vieira rodeou-se de algumas pinturas e desenhos na sala que lhe serviu como escritório, e onde esboçou uma grande parte das suas obras, quer as de poesia, quer as adaptações em prosa, reflectiu nos ensaios e nas intervenções a favor da cultura portuguesa, uma vez que ele próprio se definia como um “soldado” de *campanhas culturais*. De pequena dimensão, estas pinturas e desenho têm atravessado o último meio século como objectos anónimos, ensombrados (ou escondidos na penumbra do anonimato?) pela falta de uma identificação clara que mostre objectivamente o seu valor como elementos patrimoniais-memoriais originais. Em todo o acervo da casa, encontramos temas que o *búzio*, que foi esta Casa para o Poeta durante a sua vida, continuará a ecoar pelo tempo fora: o mar, o povo, a velhice, o sofrimento. A investigação pode e deve trazer esta memória cultural a todos, dando a conhecer e desfrutando das imensas aberturas para o futuro criadas pelo património.

A memória humana necessita de ícones artísticos para guardar as sementes do passado e projectá-las no futuro: desde os bustos e da estátua do amigo e quase-filho mestre Joaquim Correia, ao *ex-libris* e ao autógrafo da assinatura, tão divulgado pela invulgar elegância que deixa transparecer, esta Casa e esta investigação servirão - é essa a nossa esperança - para que o *lugar literário* seja finalmente vivido, pois já foi

criado em 2005, e Afonso Lopes Vieira continue connosco, património cultural da nossa região.

A ideia de *peregrinações literárias* (Herbert 2001: 312) pode ser entendida como uma busca de diferentes formas de espiritualidade. Assim, o turismo cultural tem canalizado muita da procura turística cultural e intelectual para estes novíssimos *santuários literários*, ligados a um escritor e ao ambiente evocativo da sua obra. Os lugares literários deixam progressivamente de ser apenas acidentes históricos, lugares do nascimento, da criação artística ou da morte de um escritor, para passarem a construções sociais, criadas, amplificadas e promovidas para atrair visitantes.

O projecto *Criação de um Lugar Literário* faz parte desta peregrinação literária. Para que a *Casa Catrineta* possa navegar, mas não naufrague...

Cristina Nobre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- HERBERT, David (2001) Literary Places, Tourism and the heritage experience in *Annuals of Tourism Research*, vol. 28, n.º 2, pp. 312-333.
- LINO, Raul 1998 *Casas Portuguesas. Alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples*, 9.ª ed. [1.ª ed., 1933], Lisboa, Cotovia.
- NOBRE, Cristina (1999) "O espírito literário da Casa de S. Pedro" in *Actas do III Colóquio sobre a história de Leiria e da sua região*, II vol., Câmara Municipal de Leiria, Leiria, pp. 289-307.
- ____ (2001) edição de: ... *um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência de Afonso Lopes Vieira para Artur Lobo de Campos (1909-1945)*, Câmara Municipal de Leiria, ed. Magno, Leiria.
- ____ (2003) *Passeio Sentimental de Afonso Lopes Vieira*, Rota dos Escritores do século XX, Câmaras Municipais de Leiria e Marinha Grande, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra.
- ____ (2003a) "Os Lugares da Escrita em Afonso Lopes Vieira" in *Lugares da Escrita. 22 Novembro 2003 / 22 Janeiro 2004*, Catálogo da Exposição da Rota dos Escritores do Séc. XX, Pavilhão Centro de Portugal, Coimbra, pp. 19-23.
- ____ (2003b) "Afonso Lopes Vieira: o esteta assumido" in *Afonso Lopes Vieira. In Memoriam*, Roteiro da exposição "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", pela Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Junho, pp. 3-12.
- ____ (2003c) "Afonso Lopes Vieira. A Obra Publicada (Em livro e dispersa)" in Roteiro da exposição bibliográfica sobre Afonso Lopes Vieira — "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", pela Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Outubro, pp. 3-32.
- ____ (2004) *Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira*, Roteiro Cultural, Região de Turismo Leiria-Fátima, Leiria, sd. [2004].
- ____ (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, col. temas portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2005.
- ____ (2005a) "O esteta de si-mesmo. Afonso Lopes Vieira" in *Revista Clube do Coleccionador*, CTT Correios de Portugal, Lisboa, Junho 2005, pp. 4-6.
- ____ (2007) *Fotobiografia. Afonso Lopes Vieira (1878-1946)*, Imagens & Letras, Leiria.
- ____ (2008) *Afonso Lopes Vieira na imprensa da época e na correspondência particular* (vol. I) e *Anexos* (vol. II), pós-doutoramento em Ciências da Comunicação – História da Imprensa, SFRH / BPD / 27109 / 2006, Outubro de 2008 [policopiado].
- PEREIRA, J. C. Branco, 1991 "L'azulejo au Portugal. Renouvellement et permanence" in *Azulejos*, Bélgica, Europalia 91: pp. 19-29.
- (2010) *Roteiro museológico Onde a terra se acaba e o mar começa. Casa-Museu Afonso Lopes Vieira. Lugar Literário*, CMM^aG, Setembro, ISBN: 978-972-98049-5-3.
- VIEIRA, Afonso Lopes (1897) [PQ?] *PARA QUÊ?*, *Livro Escripito por Affonso Lopes-Vieira*, ed. F. França Amado, Coimbra.
- ____ (1917) [IB] *ILHAS DE BRUMA*, of. de Francisco França Amado, Coimbra, 14 de Abril.
- ____ (1940) [OTAMC] *Onde a terra se acaba e o mar começa*, Liv. Bertrand, Lx.
- ____ (1942) [NDG] *NOVA DEMANDA DO GRAAL*, Liv. Bertrand, Lx.